



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

EMMILLE AYANNE FERREIRA SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTIL EM UMA
CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

CAMPINA GRANDE
2021

EMMILLE AYANNE FERREIRA SANTOS

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTIL EM UMA
CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso ou monografia apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do Título de Graduada.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

**CAMPINA GRANDE
2021**

Ficha catalográfica

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237r Santos, Emmille Ayanne Ferreira.
Relato de experiência com a literatura infantil em uma creche da rede municipal de Campina Grande - PB [manuscrito] / Emmille Ayanne Ferreira Santos. - 2021.
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Educação infantil. 2. Literatura infantil. 3. Contação de histórias. I. Título

21. ed. CDD 372

EMMILLE AYANNE FERREIRA SANTOS

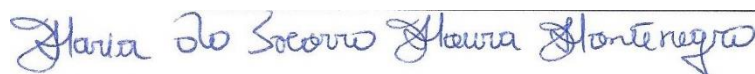
**RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTIL EM UMA
CRECHE DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso ou monografia
apresentado ao Curso de graduação da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do Título de
graduada.

Área de concentração: Literatura Infantil

Aprovada em: 10/05/2021

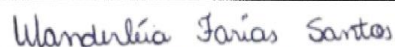
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro (orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr.ª Rosário Germano
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dr.ª Wanderleia Farias Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*À minha pequena **Anna Lís**, dedico todo caminho que trilhei até aqui e, também, minha vitória. Foi por ela, para ela, e sempre o será.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me fortaleceu todas as vezes em que pensei em desistir, dando-me força e coragem para enfrentar todos os desafios que surgiram durante o curso.

Aos meus pais, Aldo e Cida, por toda ajuda e apoio que me deram durante esta caminhada, com a minha pequena Anna Lís. Mesmo sabendo de minha ausência, entendiam que era por ela e para ela que eu não perderia nenhum semestre.

Ao meu esposo Werllen, por toda paciência, pelo incentivo que a mim foi dado, e por estar sempre me fortalecendo e apoiando.

À minha orientadora, a Profa. Dra. Maria Do Socorro Moura Montenegro, por ter acreditado em minha capacidade, dando-me força para concluir meu trabalho.

A professora Wanderleia que sempre me deu apoio e incentivo para que eu concluísse meu curso.

Por fim, deixo meus mais sinceros agradecimentos à UEPB e a todos que contribuíram direta e indiretamente para o sucesso desta caminhada.

“É preciso que a leitura seja um ato de amor.”

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo geral apresentar um relato de experiência com a Literatura Infantil em uma creche da rede municipal de Campina Grande – PB. Além disso, apresentar um breve histórico sobre a arte de contar e recontar histórias; tratar da importância da Literatura Infantil para as crianças para que elas possam confrontar realidade e fantasia; aguçar o prazer pela leitura; estimular a oralidade e ampliar o seu vocabulário. A metodologia dessa pesquisa está centrada num relato de experiência, que se utiliza de uma pesquisa bibliográfica e de uma qualitativa, do tipo descritiva. Portanto, este relato de experiência foi desenvolvido com crianças de 3 a 5 anos de idade em uma creche da rede municipal da cidade de Campina Grande - PB, voltado para a contação de histórias na Educação Infantil, haja vista que essa prática faz com que as crianças usem seu imaginário e sua criatividade. Por isso trouxemos para esse estudo, autores como, Cadematori (1987), La Fontaine (1668 – 1691), Charles Perrault (1667), Aguiar (2001), Abramovich (1997), entre outros. O relato de experiência teve como recursos utilizados: desenhos, dedoches, palitoches, cenários, etc.

Palavras-chave: Relato de Experiências. Literatura Infantil. Educação Infantil. Contação de Histórias.

ABSTRACT

The present study aims to present an experience report, focusing on Children's Literature, experienced in Early Childhood Education at a daycare center in the city of Campina Grande - PB. In addition, present a brief history of the art of telling and retelling stories; address the importance of Children's Literature for children so that they can confront reality and fantasy; sharpen the pleasure of reading; stimulate orality and expand your vocabulary. There is an emphasis on qualitative and descriptive bibliographic research, and the following authors were cited: Cadematori (1987), La Fontaine (1668 - 1691), Charles Perrault (1667), Aguiar (2001), Abramovich (1997), among others. The experience report had as resources used: drawings, fingerprints, toothpicks, scenarios, etc.

Keywords: Children's Literature. Child Education. Stories.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	11
3	A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
<i>3.1</i>	<i>A arte de contar histórias.....</i>	<i>15</i>
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	17
<i>4.1</i>	<i>Primeiro dia</i>	<i>18</i>
<i>4.2</i>	<i>Segundo dia</i>	<i>19</i>
<i>4.3</i>	<i>Terceiro dia</i>	<i>21</i>
<i>4.4</i>	<i>Quarto dia</i>	<i>22</i>
<i>4.5</i>	<i>Quinto dia</i>	<i>23</i>
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
	REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

A nossa sociedade, hoje, sente a necessidade de mergulhar na era das novas tecnologias digitais, que vem desde as redes sociais à própria educação a distância. A toda hora nos deparamos com computadores, tablets, celulares e uma variada gama de dispositivos eletrônicos que nos oferecem entretenimento e informação. Sendo esta uma realidade que não se faz isolada da vida de nossas crianças. Crianças que estão cada vez mais inseridas no meio tecnológico. Ainda assim, mesmo diante desse cenário, não podemos negar o fascínio e a importância das histórias para o universo infantil em seus mais diversos gêneros: contos, fábulas, crônicas, poemas, romances, histórias em quadrinhos, lendas/mitos, e as mais variadas formas de contar e recontar aventuras do mundo fantástico, sejam elas escritas ou orais. Afinal, quem nunca se encantou ou se maravilhou ao ler um livro ou ouvir uma história bem contada?

Dito isto, é possível ainda afirmar que a contação de história para crianças se torna cada vez mais necessária como um produto cultural capaz de possibilitar às crianças o uso da imaginação e da criatividade como meios para desenvolver suas capacidades cognitivas de abstração. A fantasia funciona como um dos mecanismos que abrem as portas para o desenvolvimento da oralidade, da leitura, da escrita, bem como da afetividade e da socialização das crianças da Educação Infantil.

Neste contexto, é relevante observar que em todos os aspectos de nossas vidas o planejamento é de suma importância, sobretudo, em si tratando do contexto educacional, a prática educativa deve, sim, ser planejada, uma vez que as histórias devem estar inseridas em suas atividades como um produto cultural capaz de inserir a criança no processo de alfabetização.

Vale dizer que não estou defendendo, aqui, que a criança seja, necessariamente, alfabetizada na modalidade da Educação Infantil, mas que ela possa, sim, participar das inúmeras contações de histórias, por puro prazer e, de forma gradativa, essa criança pode se apropriar das histórias, de modo que elas possam interagir e dialogar com as histórias de modo que conte e reconte da sua forma. Sabendo que a contação de histórias no contexto escolar favorece, incentiva e ativa o conhecimento da criança por meio do seu imaginário, do criar e do “conte outra vez”.

Durante as brincadeiras de imaginação, por exemplo, quando estão imitando, criando ou recriando cenas, as crianças, conscientes ou não, estão incorporando personagens, figuras fictícias, além da realidade, e, por conta disso, podem experimentar com segurança seus

menores e maiores medos, tão bem quanto podem minimizá-los, usufruindo do mesmo encantamento com os quais os criara. A apropriação dessa comunicação surge para a construção das situações imaginadas (falas dos personagens, narrativas das ações e dos imaginários dos acontecimentos), bem como para a organização das brincadeiras partilhadas pelas próprias crianças. Sua apropriação de saberes se dá no próprio ato de brincar.

Diante disto, neste estudo, apresentamos um relato de experiência, com a Literatura Infantil, vivenciado na Educação Infantil de uma creche da rede municipal da cidade de Campina Grande - PB. Sendo esta a “Creche Municipal Mundo Mágico”¹, localizada no bairro do Araxá. Com isso, apresentamos um breve histórico sobre a arte de contar e recontar histórias; tratamos da importância da Literatura Infantil para as crianças, de modo que elas possam confrontar realidade e fantasia, aguçando o prazer pela leitura; estimulamos o desenvolvimento da oralidade e ampliação do vocabulário através da contação de história.

Outro ponto bastante pertinente a ser considerado neste contexto da contação de histórias está relacionado à formação do professor/narrador que esteja executando essa atividade, uma vez que eles são o canal entre a história apresentada e a experiência vivenciada pelas crianças. Sendo assim, é a partir dessas considerações que se torna necessário que esses profissionais disponham de conhecimento acerca das ações e estratégias que podem ser desenvolvidas sobre as diferentes formas mais adequadas de se contar histórias na Educação Infantil, para que a contação se torne mais atrativa e prazerosa para o ouvinte/criança e que desperte seu interesse. A ausência desse tipo de habilidades pode contribuir para que a atividade não seja exitosa.

Buscando-se conhecer as vivências e impressões de um grupo de professoras que amam a contação de história no segmento da Educação Infantil, valemo-nos de uma pesquisa do tipo qualitativa, com base no enfoque interpretativista e descritivo, visando detalhar as etapas referentes à contação de histórias desenvolvidas pela participante da pesquisa.

A partir das considerações desenvolvidas, o presente trabalho foi estruturado da seguinte forma: após a Introdução, enfatizamos a Literatura Infantil na Educação Infantil, capítulo que tratará sobre a origem e histórico da arte de contar histórias; em um segundo momento, diremos sobre A Importância das Histórias na Educação Infantil dentro da sala de aula; posteriormente, apresentamos a metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo, e, em seguida, os Resultados e Discussões do Relato de Experiência com a Contação de Histórias na Educação

¹ O nome dessa Creche é o seu nome real porque foi autorizado para participar desse relato de experiência desse trabalho.

Infantil, para, por fim, adentrarmos às Considerações Finais e Referências Bibliográficas utilizadas no decorrer desta pesquisa.

2 A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O surgimento da Literatura Infantil teve sua origem em meados dos séculos XVII e XVIII, com as literaturas – até então não existia uma clara distinção entre o ser adulto e o ser criança –, de modo que foram publicadas as primeiras literaturas destinadas, especialmente, ao público infantil. Até essa época, o que hoje identificamos e conceituamos como criança, estava muito mais para uma versão menor e mais jovem de uma pessoa adulta, nada além disso. Sendo assim, também não existiam literaturas que versassem ou explorassem o universo infanto-juvenil. Bem como afirma Cortez (2011):

Na Idade Média, a infância terminava para a criança ao ser esta desmamada, o que acontecia por volta dos seis a sete anos de idade. A partir dessa idade, ela passava a conviver definitivamente com os adultos. Acompanhava sempre o adulto do mesmo gênero e fazia o mesmo que eles: trabalhava, frequentava ambientes noturnos, bares etc (CORTEZ, 2011, p. 02).

Sobre a Literatura Infantil em si, podemos dizer que

[...] tem como parâmetro contos consagrados pela preferência de crianças de diferentes épocas que, por terem vencido tantos testes de recepção, fornecem aos pósteros referências a respeito da constituição da tônica literária do texto infantil. No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados conto de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil (CADEMATORI, 1987, p. 33).

Desse modo, a autora afirma que a Literatura Infantil é, de fato, para ser destinada, utilizada, apreciada e avaliada pelo público mirim. Por sua vez, as crianças passaram a ouvir histórias advindas dos contos nos quais elas poderiam deixar a imaginação fluir, ao mergulhar na incrível aventura do “Era uma vez...” e do “Foram felizes para sempre”. A criança passa a ocupar seu espaço na sociedade e a Literatura Infantil passa a ter sentido para ela.

Acreditamos que, foi a partir da ascensão da burguesa que a Literatura Infantil foi inserida na sociedade, de modo que a criança passou a ser considerada diferente de um adulto, com suas necessidades e habilidades próprias. Compreendendo que isso se deu a partir dos autores La Fontaine e Charles Perrault, posto que escreviam seus livros direcionados às crianças, denominados contos de fadas. Foi a partir daí que a criança passou a ser vista na sociedade como um ser que precisava experienciar o ser criança em toda sua plenitude, ela passou a agir e a pensar:

A infância deixou de ser compreendida como uma “pré” etapa da fase adulta e passou a ser identificada como um estado diferenciado. Assim, ao mesmo tempo em que se reconhece que a definição de infância é tributária do contexto histórico, social e cultural no qual se desenvolve, admite-se a especificidade que a constitui como uma das fases da vida humana (MACIEL; BAPTISTA; MONTEIRO, 2009, p. 15 *apud* JÁCOME, 2018, p. 17)

Aguiar (2001) destaca:

A história das primeiras edições de livros para a criança na Europa, no século XVIII, mostra-nos a importância da ascensão da burguesia para a consolidação desse tipo de obra. Antes disso, durante o Classicismo francês do século XVII e início do século XVIII, surgiram histórias que seriam englobadas como literatura apropriada também para a infância: as *Fábulas*, de La Fontaine (1668 – 1691), *As Aventuras de Telêmaco*, de 25 Fenelon (1717) e *Os Contos de Mamãe Gansa*, publicados por Charles Perrault (1697) (AGUIAR, 2001, p. 23-24).

No entanto, os textos em questão objetivavam os ensinamentos, as boas maneiras, para que as crianças pudessem crescer e se tornarem cidadãos leitoras e sábias. Distante de um viés de criticidade. Mesmo porque, nessa época, os interesses eram outros, como é o caso de ensinar boas maneiras, comportamentos, etc. Compreendemos que “o caráter formador da Literatura Infantil a vinculou, desde sua origem, a objetivos pedagógicos” (CADERMATOR, 2010, P. 24).

Ainda bem que, hoje, os estudos nos dizem que os reais objetivos da Literatura Infantil contribuem, significativamente, para a formação do leitor. Assim como, contribui, queiramos ou não, para o desenvolvimento da criança, desde a primeira infância.

Como já foi dito anteriormente, no início do século XX os livros que eram produzidos para as crianças traziam um caráter ético-didático, detendo apenas uma finalidade, a de educar, saber como moldar a criança de acordo com que o adulto quisesse. Era difícil encontrar uma obra que levasse a criança a ter o prazer e o gosto pela leitura, poucas faziam a criança viajar em seu pequeno mundo imaginário.

Entre os anos 30 e a década de 80, a Literatura Infantil passa por uma grande modificação, ela passa a ser mais valorizada com a ascensão das obras de Monteiro Lobato, no que se refere ao Brasil. Isto, claro, evidencia-se pela valorização das especificidades do universo infantil a partir de obras como *Reinações de Narizinho* (1931), *O Pica-pau Amarelo* (1939), *A Reforma da Natureza* (1939), dentre outras. Em suas obras, Lobato fazia o que raramente outros autores fariam, criava personagens infantis como Pedrinho, Narizinho e Emília experimentando a vida através das mais diversas e inimagináveis (não pra eles) aventuras; Lobato explorava por via de seus personagens, a criatividade da criança, o imaginário fabuloso, o universo do

Fantástico e do Maravilhoso, a curiosidade sempre tão ávida nos seres infantis. Diante dessas histórias Monteiro Lobato criou o Sítio do Pica Pau Amarelo, onde a maioria das duas histórias infantis é contada.

Hoje, a Literatura Infantil é bem mais ampla, pois ela, além de contribuir para formar o leitor, proporciona as crianças o desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Quando a história é narrada de forma que a criança se envolva, entre no mundo imaginário, ela passa a visualizar mais claramente a relação com o mundo, pois as histórias ramificam sobre os medos, as alegrias, as dores, os sentimentos, e inúmeros assuntos. Na literatura, a criança pode descobrir novos horizontes, novos mundos.

3 A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ouvir histórias é prazeroso, tanto para adultos quanto para crianças, pois se o adulto já gosta de uma “boa” história, a criança se entrega mais ainda, pois sua capacidade de imaginar é bem mais intensa que a de um adulto, já que a criança não se intimida em se apropriar das histórias com mais afinco e fazer destas novas histórias. Bem se vê que, desde muito pequenas, a maioria das crianças adora contar e recontar diversas vezes suas aventuras, das mais simples às mais complexas, ressaltando que para crianças nenhuma história é uma história que não merece ser contada, reimagina e, até mesmo, cenograficamente reproduzida com o aval de sua imaginação.

A narrativa faz parte da vida de uma criança desde que ela é bebê, seja numa conversa amorosa de sua mãe, seja numa simples Canção de Ninar, que acalma, que, mais para frente vão dando lugar as Cantigas de Roda. É fundamental que a criança desde as primeiras fases tenha, no contexto familiar, contato com os livros e com as histórias, para que ela possa dar continuidade no contexto escolar, demonstrando interesse ao se sentir alegre, sorrindo, batendo palmas e abraçando o ato de contar histórias, de modo que possa se sentir segura para expressar.

É de fundamental importância que o adulto leia para a criança mesmo que ela não saiba ler o código escrito e também quando ela já saiba ler, pois de acordo com Abramovich (1997, p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Pois é a partir daí que a criança passa a recontar através de desenhos e gestos, até mesmo da própria fala.

Oferecer às crianças, desde os primeiros anos de vida a riqueza que a leitura proporciona irá desenvolver seu psicológico e também a sua imaginação.

O bom contador de histórias traz esses códigos para a narração. Isso ocorre com frequência com o contador tradicional que, muitas vezes, de uma forma até intuitiva, ainda que sem saber, deixa a narração aberta, não conclui, compactuando com as mais avançadas teorias da recepção literária. Sua narração expõe vazios, convida o ouvinte a ser o intérprete daquilo que é narrado. Convém lembrar que o contador tradicional, ao narrar os contos da tradição popular: contos de fadas, lendas, mitos, causos, já se depara com uma particularidade desses contos, que é a de abrir espaço para que possamos imaginar o que irá acontecer depois do “... e foram felizes para sempre”, ou, ainda, nos estimular a imaginar o que aconteceu no intervalo de cem anos, período que durou o feitiço da *Bela Adormecida*; o que aconteceu com o pai da pequena menina de *Os sete corvos*, enquanto ela seguia até os irmãos, até o sol, até a lua e às estrelas; ou como terá sido a transformação de *Cobra Norato* em homem, e o que teria se passado no íntimo do guerreiro antes de desencantar a cobra (BUSATTO, 2007, p. 21-22).

Vale salientar que é de fundamental importância que a criança seja oportunizada pelo professor(a) a intervir na hora da contação, deixando sempre abertas as possibilidades para que use sua imaginação e sua criatividade, para que construa cenários, idealize personagens, para que sejam parte inerente na construção e reconstrução dos contos. Assim, poderá interagir, à medida que vai tomando gosto pela leitura. Nesse sentido, podemos narrar as histórias de forma prazerosa através de graças, de sustos, de surpresas, de modo que a criança fique ainda mais instigada. As crianças da Educação Infantil vivenciam muitas emoções e aventuras ao ouvir um conto, ao desenhar os personagens, pois eles se comparam com eles, tentam imitá-los, assim elas vivenciam várias situações.

Na Literatura Infantil existem impactos positivos em relação a educação, tanto formal como informal, este ocorre no contexto familiar, quando, em alguns casos, os pais se dedicam a contar por si mesmos histórias para as crianças, aquele é garantido através das creches e das instituições de ensino, como é o caso das escolas. É através das histórias que a oralidade é trabalhada, queiramos ou não, antes mesmo que a criança comece a engatinhar/ andar a criança já começa a balbuciar, então a oralidade é uma das primeiras habilidades que a criança começa a desenvolver.

A autora Abramovich se emociona no seguinte apontamento:

Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível...E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p.14).

Vejamos o sentido que essa autora dá a leitura e pensemos no quanto as crianças perdem quando deixam de se deleitar com a leitura de histórias lidas e contadas, seja pelas creches, seja pela própria escola. Com isso, quero dizer que, se “ler é abrir as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores” (1997, p. 14) e da vivência dos personagens, acreditamos que tenhamos que nos apropriar desse conceito de leitura dessa autora para que possamos contribuir para formar o leitor no contexto da escola e fora dela. Acreditamos, também, que isso significa que a leitura é um produto cultural de fundamental importância para que os professores possam tornar as crianças leitoras, isto é, tentando fazer com que a criança tenha gosto pela leitura, mostrando a ela como é prazeroso ler.

3.1 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Sabemos que ouvir e contar história é, sem dúvida alguma, um dos melhores prazeres da vida. Não se pode negar que tanto os adultos quanto as crianças ficam paralisados, encantados quando a história é bem contada. Pois prende-os do começo ao fim, de modo que ela tanto pode ser narrada de forma espontânea, como pode ser retirada de algum livro, o que importa é a forma como ela é narrada para o ouvinte, como pode ser contada de sua própria história de vida. Por que não?

Chaves (1963) afirma que contar história é uma arte, assim como é um dos métodos intuitivos mais simples, o mais antigo e o mais eficiente na transmissão de verdades eternas de uma geração à outra, pois as pessoas mais velhas ainda hoje contam histórias para as crianças para que no futuro elas recontem da forma que elas conseguem lembrar. As histórias aproximam pessoas, compartilham medos, aventuras, desvendam mistérios, e muitas vezes terminam em “foram felizes para sempre”.

Quando se refere ao professor, para que a criança possa despertar o gosto e o interesse pela leitura os professores devem planejar, buscar as estratégias certas para que possam alcançar os resultados que almejam, pois o professor deve ter todo um ritual antes de começar a contação, sabendo a forma correta de como contar para a faixa etária correta das crianças, pois as histórias infantis tem um papel fundamental na formação do indivíduo, tornando-o criativo, crítico.

Contar histórias é uma prática milenar, pois na sociedade em que vivemos o professor pode contar e a partir dela transformar em vários conteúdos, além de desenvolver o imaginário, a ludicidade e várias outras habilidades nas crianças.

Para Busatto (2008): “[...] contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar história atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível de pensamento, e, sobretudo as dimensões do mítico-simbólico e do mistério” (BUSATTO, 2008, p. 45).

Vale salientar que contar histórias não é apenas abrir o livro e realizar a leitura de qualquer jeito não, é preciso toda uma preparação, um envolvimento para que a criança possa viajar no mundo da imaginação, para que ela de fato se envolva com a história. Sendo assim é a partir da arte de contar histórias que podemos tornar possível a construção da aprendizagem relacionada à competência cognitiva da criança, propiciando elaboração de conceitos, compreendendo sua atitude no mundo, e se identificando com papéis sociais que exercerá ao longo de sua existência.

Por isso na arte de contar histórias há uma grande cumplicidade entre o ouvinte e a história.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 2001, p. 18).

Coelho completa: “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais”. (1999, p.21). E ainda, faz uma divisão em faixa etária para a seleção das histórias:

Até os três anos, a criança está na fase pré-mágica. Nesta fase, as histórias devem ter enredo simples e atraente, com situações que se aproximem da vida da criança, da sua vida afetiva, social e doméstica e conter, de preferência, ritmo e repetição. Dos três anos aos seis, é a fase mágica. As crianças ouvem com interesse e encanto e solicitam várias vezes a mesma história (COELHO, 1999, p.21).

Mas como podemos começar a contar?

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começaram, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois se ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo e tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: “Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra...” Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador... (ABRAMOVICH, 2001, p.21-22).

Diante disso o educador deve proporcionar um ambiente que seja prazeroso e estimulante para que a criança possa sentir-se à vontade expressando a compreensão a partir das histórias, mostrando se foi atraída pelo livro. Pois quando a história é contada ou lida, pode atingir outros objetivos, tais como: conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, a sensibilidade, dar outras visões à criança sobre determinado conteúdo já pré-estabelecido, ou “formar” novos conceitos, aumentando o interesse pela aula, permitindo a autoidentificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente estudo se caracteriza como um relato de experiência em uma creche municipal, localizada no bairro das Malvinas em Campina Grande - PB, que busca como objetivo geral apresentar um relato de experiência com a Literatura Infantil, vivenciado na Educação Infantil. Apresentando os objetivos de elucidar um breve histórico sobre a arte de contar e recontar histórias, tratar da importância da Literatura Infantil para as crianças para que elas possam confrontar realidade e fantasia, aguçar o prazer pela leitura, estimular a oralidade e ampliar o seu vocabulário.

As informações obtidas na realização do presente relato são bastante pertinentes, pois apresentam as metodologias e ações que a professora utiliza para suas contações de histórias.

Segundo Santos (2012) o relato de experiência corresponde a um texto em que o autor ou os integrantes de uma determinada pesquisa relatam suas vivências, demonstrando fatos e situações consideradas relevantes ou interessantes, de modo que possam contar, explicar e justificar sua trajetória, sendo, portanto, um texto reflexivo de crítica e autocrítica.

Este relato de experiência se origina de uma pesquisa qualitativa, que busca compreender o significado e os acontecimentos para as pessoas em comum, enfatizando a importância da interação simbólica e de sua cultura para a compreensão do todo.

Vale ressaltar que o relato de experiência foi desenvolvido com o registro de uma contação de história, que teve a duração de uma semana, no primeiro momento foi utilizado o livro clássico com a história de *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT, 2007), no segundo momento foi utilizado fantoches e o reconto, por entender que para que se faça uma bela e adorável contação necessitam de um lugar e de tempo planejado no cotidiano das crianças da Educação Infantil.

Sabemos o quanto a presença da contação de história é primordial na vida das crianças, podendo estimular sua imaginação, sua criatividade, por meio de uma prática pedagógica na qual esteja inserida.

É de grande valia lembrar que esse relato de experiência contempla os cinco (05) dias em que foi realizado pela pesquisadora um trabalho voltado, mais especificamente, para as literaturas infantis numa creche da rede municipal.

Realizamos, durante 05 dias, sequência didática com a contação de história *Chapeuzinho Vermelho* (PERRAULT, 2007). O processo pedagógico da instituição onde ocorreu tal experiência foi respeitado e a pesquisadora teve liberdade para a realização de tais aulas lúdicas e motivadoras.

4.1 PRIMEIRO DIA

Iniciamos com a acolhida. Recebemos as crianças, fizemos a troca de roupa e fomos ao café matinal, em seguida tivemos o cuidado e a responsabilidade de contextualizar o tema proposto, uma vez que se entende a importância da ação de inserir algo em seu devido tempo/espço. A partir da música *Quem é você?* essa música é trabalhada quase todos os dias, pois nela são citados os nomes de todas as crianças de forma lúdica. Então, nessa perspectiva, as crianças cantam e aprendem a pronunciar os seus nomes e os nomes dos seus coleguinhas pela repetição dessa música (ou outra, dentro do mesmo objetivo).

Ao encerrar o momento de musicalização, acalmamos elas e as levamos ao pátio. A partir daí que iniciamos a contação de história. Conforme Alencar 2000 vem enfatizar é pela presença de seres, objetos e lugares sobrenaturais: bruxas, fadas, dragões, varinhas de condão e reinos enfeitados que existem fora da lógica real do tempo. São facilmente adaptáveis à mentalidade infantil porque apresentam um número restrito de personagens, opostos por motivações simples como generosidade e o egoísmo, a confiança e a tradição, o amor e o ódio. Ao final, as boas condutas são gratificadas com recompensas, enquanto a malvadeza implica duros castigos sobre seus agentes. Essas narrativas valorizam a esperteza, a iniciativa e a solidariedade, mas não explicitam nenhum julgamento. O texto objetivo e claro faz o leitor perceber suas mensagens sem grandes esforços. Pois concordamos com o autor se os contos de fadas, são bem explorados, têm muito a oferecer às atividades de sala de aula. Era uma vez, como introdução mágica, leva as crianças a um mundo de fantasias. De imediato deixam-se conduzir pelo fio da imaginação que perpassa esse tipo narrativa. Para Abramovich (1997), o ato de ouvir contos é o início da aprendizagem de ser leitor. Assim, o educador tem de incluir nos seus programas momentos dedicados à leitura, gerando assim crianças que gostem de ouvir histórias, o que será essencial para uma abordagem bem-sucedida à leitura e escrita. Com esta conduta, podemos formar uma geração de pequenos leitores que lentamente, vão criar o gosto pela leitura, de uma forma divertida.

Figura 1 – Contação da história *Chapeuzinho Vermelho*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Dentro desse contexto, enfatizamos que a cada dia da semana realizamos o reconto da história em ambientes diferentes para que pudéssemos explorar todo o ambiente, familiarizando as crianças, por exemplo, com o pátio, o parquinho, e a sala de aula. Essa atitude foi essencial para mostrar que não existe um ambiente no qual as contações não possam ser realizadas desde que nos momentos válidos para tais atividades.

4.2 SEGUNDO DIA

No pátio da creche fizemos a roda de conversa, onde recontamos a história utilizando como metodologia o improviso, para que pudéssemos observar a atenção e a concentração das crianças, deixando que elas interagissem e intervissem quando achassem necessário. Elas sempre pediam para contar outra vez, mostrando sempre entusiasmo e satisfação. O envolvimento das crianças nessas atividades foi o que nos chamou mais atenção. Quanto a esse aspecto Ribeiro (2008) destaca a importância da atividade de recontar histórias conhecidas, desenvolvida pelas crianças com auxílio de um professor, que pode utilizar recursos como ilustrações. Nesse contexto, cabe ao professor propiciar situações para que as crianças possam entender as associações entre o que se fala no texto original e a imagem.

Figura 2 – Reconto da história *Chapeuzinho Vermelho*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Ainda no segundo dia foi constatado o envolvimento das crianças que gostam de contar e recontar a história de forma ativa. Ao fim do reconto fizemos questionamentos como: “Qual o título da história? Quem são os personagens? Onde eles moravam?”.

Porém, também constatamos que para determinados professores, a Contação de Histórias é, sim, uma atividade de “enrolação”. Nesse sentido, é importante deixar claro que a criança percebe quando se trata de “enrolação”. Por isso, fazemos, aqui, um apelo, para que não tratemos a criança da Educação Infantil e, também, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como um ser que não percebe o que se passa ao seu redor, isto é, a nosso ver, subestimar a capacidade intelectual da criança. Ao compreender que quando o professor é comprometido com o seu fazer pedagógico, esse tipo de prática de Contar Histórias passa a ser extremamente valorizada, considerando que pode proporcionar momentos marcantes na vida da criança para o resto de sua vida, dada a necessidade que a criança tem de momentos de prazer ao ouvir histórias e ser estimulada para o gosto pela leitura.

4.3 TERCEIRO DIA

Iniciamos com a dramatização cantada, com a música da personagem Chapeuzinho Vermelho: “Pela estrada à fora...”. Fizemos um cenário com materiais recicláveis e sentamos

eles em uma sala ampla e tivemos uma conversa: explicamos que quando a criança desobedece a mãe para seguir outro caminho, sem perceber se coloca em uma situação de risco, então enfocamos o quão é importante obedecer a “mamãe”. Assim, verificamos também que podemos fazer escolhas erradas quando deixamos de ouvir quem nos ama para dar ouvidos a um desconhecido, elas ficaram encantadas quando conseguimos tirar o medo e o pavor que o lobo fazia às crianças. segundo Busatto (2007) a contação de história exige olho no olho, intimidade e cumplicidade com o ouvinte, a contação é uma linguagem artística multidisciplinar, envolve letra feito voz, movimento feito imagem visual, som feito paisagem sonora. A contação de história é um momento onde tanto o contador quanto o ouvinte se relacionam com a história propriamente dita, consideramos que deve ser preparado e pensado detalhadamente para que haja um entrosamento de ambas as partes dos envolvidos. Contudo podemos nos (Professoras) “deleitar de métodos como, tapete, caixa surpresa, fantoche, mala viajante, contação com cenário, contação através de dramatização, avental, saia literária, teatro, utilização de materiais audiovisuais, entre outros”. A Contação de histórias é uma atividade que transmite conhecimentos e é fundamental para a construção de valores, seu desempenho é decisivo na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem da criança.

Figura 3 – Dramatização com música



Fonte: Acervo pessoa da autora (2019)

4.4 QUARTO DIA

Prosseguimos de forma livre, as crianças fizeram seu reconto da forma que sabiam, em seguida, entregamos a elas papeis, lápis, pedacinhos de papeis e deixamos elas usarem a criatividade da forma que sabiam fazer o desenho através do reconto.

Figura 4 – Recontagem da história pelas crianças



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

Quanto ao reconto oral de histórias, este permite à criança expressar-se de forma criativa e emotiva, bem como a chance para exteriorizar as suas ideias do seu jeito, aumentando a motivação, a literacia e as competências orais. Sendo assim, é preciso, que o professor(a) utilize diversificadas estratégias de narração, utilizando um leque variado de material. É importante que dialogue com as crianças sobre a história ouvida, fazendo o seu reconto, associando a acontecimentos reais; esclarecendo as palavras diferentes/novas, pois só assim que o vocabulário da criança irá se tornar mais amplo, encorajando as crianças na sua dramatização entre outros. Desta forma, o carácter lúdico da linguagem oral é explorado.

Portanto Abramovich diz: “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto!” (Sic. ABRAMOVICH, 1989, p. 23).

Sendo assim tanto no ler como no contar a histórias as crianças podem ir além do texto, pois o livro possui a capa, as imagens, as cores possibilitam as interpretações pessoais e as

análises. E depois do ler ou contar pode-se brincar, desenhar, conversar, pintar um quadro ou construir um brinquedo.

4.5 QUINTO DIA

Realizamos um momento no pátio da creche, onde colocamos no data show alguns momentos que foram vivenciados durante a semana, do primeiro dia ao quarto, mostrando a elas o valor e a importância que a história tem na vida de cada uma delas.

Em seguida, chamei uma criança que denominamos como “letra E” e fizemos uma gravação onde a criança gravou o reconto da história *Chapeuzinho Vermelho*, estando presente apenas a criança e a pesquisadora. De acordo com Souto-Maior (2000) revela que por meio das histórias as crianças ampliam e enriquecem o seu mundo mágico e aprendem a lidar melhor com determinadas situações, além de ampliar seu repertório verbal, ou seja, a construção de uma linguagem diferente da fala cotidiana. A história contada proporciona na criança a liberdade de criar e recriar e posteriormente fazer debates sobre a história contada do seu jeito e maneiras. Sendo assim de forma geral, ao perceber o discurso da Criança compreendemos que ela possui uma autonomia narrativa e, por essa razão, conseguiu recontar a história de forma clara.

Quadro 1 – Apresentação da narrativa

PARTICIPANTE	FALA
1 Criança E	Era uma vez a chapeuzinho vermelho, ela foi levar uma cesta de doces pala vo-voooooooooo.
2 Criança E	E ela desobedeceu a mamãe e foi pela floresta, e apaleceu o lobo e assustou a chapeuzinho.
3 Criança E	E ela saiu correndo pedindo Socollo- socollo.....
4 Pesquisadora	Porque a chapeuzinho gritou com o lobo?
5 Criança E	Porque ela ficou com medo, pensando que o lobo ia me morder, e engolir a menina.
6 Criança E	E eeee e ele tem uma coda pá pender a menina no guarda roupa.
7 Pesquisadora	E o lobo vai prender ela?

8- Criança E	Sim, na árvore e depois vai esconder no guarda roupa, e ela vai ficar glitando, socorooooo.
9 Criança E	E a vovó vai ficar olhando e vai ficar triste.
10 Apresentadora	Porque vão ficar todos tristes?
11 Criança E	Porque o lobo plendeu a chapeuzinho e comeu a vovoooo.
12 Criança E	E depois todos folam felizes para sempre!

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (gravação realizada dia 09 de agosto de 2019)

Vale ressaltar que as marcas linguísticas de abertura (*Era uma Vez...*) e ao fechar a história (*Foram felizes para sempre*), que encontramos na narrativa não são entendidas como regras, pois se assim fossem estaríamos concordando com uma estrutura fixa da narrativa, o que não é o nosso caso, o que pretendemos no nosso estudo é analisar e observar os elementos que a criança utiliza para narrar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o objetivo geral desse trabalho que foi o de apresentar um relato de experiência com a literatura infantil em uma creche da rede municipal de Campina Grande – PB, temos consciência de que foi de grande valia, pois foi a partir daí que compreendi a importância da Contação de Histórias na Educação Infantil, como prática para o desenvolvimento da linguagem oral, do gosto pela leitura e da formação do leitor, analisando como e de que maneira as atividades pedagógicas podem ser inseridas nesse contexto. Através dos estudos foi possível observar que a Literatura vem de todo um contexto histórico, que foi ponte para chegar no que ela é hoje, ainda precisando ser repensada em algumas práticas escolares, mas que hoje muitos profissionais da educação já sabem o seu papel.

Com a realização deste estudo pude perceber que a Contação de Histórias é um produto cultural de suma importância para a formação do leitor. Além de que a Contação de Histórias, entre outras coisas, também provoca grandes aprendizados, considerando que é através das histórias que levamos as crianças a refletir, imaginar, criar, explorar, contradizer, relacionar outros mundos, outras culturas, com a mais vasta forma de aguçar a imaginação, buscando sempre seus valores. E cabe ao professor mediar de forma prazerosa desde a escolha do livro até a contação para que a criança entre no mundo da imaginação, sabendo que a ludicidade é de fundamental importância na Educação Infantil, para que a criança se envolva o máximo possível.

Levando em consideração os aspectos abordados, concluímos que a importância da Contação de Histórias e da leitura no contexto escolar é inegável, pois contribui para o seu desenvolvimento em todos os aspectos, desde o desenvolvimento da linguagem oral, da concentração, da socialização, da interação e introduzindo a elas o gosto e o amor pela leitura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABRAMOVICH, Frannf. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.
- AGUIAR, Vera Teixeira. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- ALENCAR, M. Quem quiser que conte outra. **Educação**, p. 42-58, abr. 2000.
- BUSATTO, Cleo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BUSATTO, Cleo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.
- CHAVES, Otilia de Oliveira. **A arte de contar história**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil**. São Paulo: Ática, 1999.
- CORTEZ, C. Z. As representações da infância na idade média. **Anais... X Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2011.
- JÁCOME, Paloma da Silva. **Criança e infância: uma construção histórica**. 2018. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2018.
- PERRAULT, J. C. **Contos de Perrault**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.
- RIBEIRO, J. **Ouvidos dourados – a arte de ouvir as histórias (...para depois contá-las...)**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2008.
- SANTOS, V.S.; SANTOS, C.; DIAS, A.F. Relato de Experiência: Os Principais Desafios e Dilemas Vivenciados Pelos Discentes do Curso de Pedagogia Durante o Estágio Supervisionado. 2012. **Anais... Semana de Pedagogia**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Vitória da Conquista, 2012.
- SOUTO-MAIOR, Sara Duarte. Partilhando Experiência de Estágios. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000.